

I n f o r m a ç ã o a o C o n s u m i d o r

Dezembro de 2011, muitos afazeres, eu e a sábia que me acompanha demoramos a atinar para o réveillon. Corre daqui, corre dali, acabamos arrumando um pacote para João Pessoa.

Eu já tinha estado em João Pessoa, com meus pais, na década de 60 quando a cidade acabava no hotel Tambaú. E essa era a única recordação que me sobrava: um hotel lindão debruçado sobre o mar.

Resumo: viemos, gostamos e, seguindo um nosso hábito tradicional, começamos a planejar a mudança para essa aprazível cidade praiana. *(Assim como já havíamos planejado mudar para Santiago do Chile, Barra do Jucu, Buenos Aires e outras mais.)*

Só que o indescritível e tépido mar nordestino se entranhou na minha cabeça. Então, como minha cota de água fria se esgotou na praia do Leme e eu já estava a mais de trinta anos aprisionado pelas montanhas, dessa vez levei a sério.

De volta pra casa, comecei a "espernear" pra todo lado buscando alternativas que viabilizassem a coisa. Até que, em outubro de 2014, quase três anos depois, desembarco em JP para ficar.

A sábia, mais sábia do que nunca, decretou: *"Você vai primeiro. Quando, e se, as coisas correrem bem, eu vou. Se der errado, ainda temos nosso pouso."*

E assim fizemos. Por enquanto vamos vivendo num "viaduto aéreo" mas, com a certeza de que tempos deliciosos nos esperam nessa terra fora do comum.

Obs.: As crônicas a seguir foram pinçadas do blog 'Haja Muuito Saco' e estão em ordem cronológica.

E, como sempre, em completa desordem mental.

João Pessoa, abril/2015

domingo, 8 de janeiro de 2012

POR QUÊ, RAPHAELLA?



Depois de algumas horas confinados numa moderna lata de sardinhas, aterrissamos em João Pessoa.

Amavelmente recepcionados (*acho muito chique ver meu nome na plaquinha*), somos embarcados num micro-ônibus com ar condicionado, musiquinha ambiente e a indefectível e falante guia com um impagável sótáque nórdéstino que nos brinda com diversas informações inúteis e a grande questão:

-Nossa bandeira tem a palavra Nego.
Vejam bem, não é nÊgo.

É nÉgo. Aí vocês perguntam: “Por quê, Raphaella?” E eu respondo: “Vocês só vão saber quando fizerem o nosso espetacular cititúr que sai amanhã às oito e dez da manhã!”

Dou uma olhadinha de esguelha para a madame e confirmo meus pensamentos. É ruim, hein? Pi-ri-go da gente, em plena folga, acordar a essa hora da madrugada pra fazer cititúr!

Nosso hotel é o último da lista e minha mala sumiu. (*Ainda bem que foi a minha...*)

-“Por quê, Raphaella?”

Ela mata a bola e entrega de primeira:

-“Por quê, Adroaldo?”

(*Adroaldo é o atordado motorista e arrumador de malas do buzunzim*).

-“Deve de ter ficado no Tambaú Fléti.

Aquele monte de gente desceu e a mulé falou que todas as que tinha fita vermelha era deles...”

Então, voltamos ao Tambaú Fléti.

Telefonema para o quarto da grande família, filho envergonhado trazendo a mala, pedindo desculpas, tudo resolvido, chego são e salvo ao hotel, babando por cerveja e praia.

Inacreditável cidade é João Pessoa. Povo descansado, tranqüilão mesmo, não se ouvem buzinas. Saí do hotel pra comprar cigarro e fui atravessar a rua; vinha um ônibus, o motorista piscou o farol e parou preu atravessar! Tô abestalhado até agora...

Praia civilizada, com espaço, sem sambinha, mar maravilhoso, areia branca, cerveja gelada e barata, chateação só a dos praticantes de frescobol - que se acham os donos do pedaço. Mas, não conseguem atrapalhar meu conceito de filial do paraíso.

-“Bora ficar pelado em Tambaba?”
Não mereci nem resposta.

Ponta do Seixas (*só estive mais perto da África quando fui ao Egito*) e depois praia do Jacaré pra ver o cabeludinho tocando o Bolero de Ravel.

Tremenda roubada.

Um monte gente entulhando os bares em volta, barcos e mais barcos lotados, o cara vem numa canoinha e finge que toca. Os bares botam o famigerado bolero em gravação.

Só vale o visual do por do sol.

Incontáveis prédios em construção.

–“Por quê, Raphaella?”

–“A cidade está crescendo...”

Ora bolas!

Depois dessa elucidante resposta concluo que o melhor a fazer é seguir o conselho da vendedora de salgadinhos na praia:

–“Dégústi!”.

quinta-feira, 13 de junho de 2013

NÃO CONSIGO ENTENDER



Aeroporto, sala de espera aguardando conexão, conto doze (*ou "doUze" em carioquês*) pessoas sentadas à minha frente.

Três louras gordas (*ou "loIras" em paulistês*) - com idades variando entre 35 e 135 anos - estão à esquerda.

As três falam no celular.

Duas cadeiras após, uma moreninha tremelicando o pé e... Falando no celular.

Em seguida, um cidadão de média idade lendo uma revista (!).

Depois, duas figuras díspares: um carinha

vestindo camisa de um time que não
consegui identificar. Falando no celular.
Acompanhado por um cidadão de óculos
olhando para o nada.

Duas cadeiras à direita, outro cidadão - mais
velho e também de óculos, olhando para um
nada infinitamente além do anterior.
Agarrado nele, um casal. Ela, com o celular
na mão, observa o celular do companheiro.
Os dois envolvidos num profundo embate
intelectual sobre sabe-se lá o quê. Ou
quem. (*Aposto que era fêicibúqui.*)

Finalizando, um executivo gritando
babaquices como se estivesse sozinho no
mundo e um garoto que, pelos esgares, só
podia estar jogando um joguinho.
Ambos no celular é claro. Ou Vivo. (*Vivo
não. Porque a Vivo não cai. Despenca!*)

Ou seja, nesse universo altamente
representativo temos: 50% falando no
celular, 25% olhando para o celular, 17%
olhando para o nada, 8% lendo uma revista
e 0% (zero por cento) conversando ao vivo.

Primeira dúvida: Com quem esse povo tem tanto assunto?

(Sim porque, a não ser que todos sejam grandes artistas, é de se supor que exista alguém do outro lado da linha.)

Segunda dúvida: Por que a moreninha balançava tanto o pé?

(Aguardo profundas análises dos psis de plantão.)

Terceira dúvida: Que revista estaria lendo o digno representante do ser humano com ainda alguma saúde mental?

(Rezo pra que não seja "Caras", "Quem" ou afins.)